

A person stands in a dark forest at night, holding a flashlight that illuminates the path. The scene is dimly lit, with the flashlight beam creating a bright spot on the ground and casting long shadows. The trees are bare, suggesting a late autumn or winter setting. The overall mood is quiet and contemplative.

O
mundo fatigado
alegra-se

Convite

Uma carta introdutória: um convite para o Advento

Aos aventureiros do Advento,

Nesta época, vamos debruçar-nos sobre dois temas paralelos: hospitalidade e um mundo fatigado que se alegra.

O mundo está cansado; mas em Cristo, esse mundo alegra-se. Ao pararmos para pensar nos temas do advento — esperança, amor, alegria, paz e luz — vamos ser confrontados com dois opostos: o cansaço do mundo e a alegria de Jesus. Vamos participar nos ritmos da disciplina espiritual — jejum e banquete — que ajudam a fazer de nós pessoas que não só se alegram, mas que são moldadas pela hospitalidade que Jesus graciosamente oferece.

A hospitalidade confronta o cansaço ao infundir no mundo uma nova música; toma parte na alegria, convidando outros para a celebração sagrada.

É que a hospitalidade tem tudo que ver com graça.

Convidar alguém para partilhar o nosso espaço requer graça que perdoa erros de todos os tamanhos. A hospitalidade não recua perante pessoas excêntricas ou desastradas, não tem medo de gaguez nem de tiques. Em vez disso, traz palavras de vida sem receio de castigo ou embaraço.

Um espaço hospitaleiro é confortável, caloroso e convidativo, *onde nos sentimos bem-vindos*. Não é o mesmo que dizer «a casa é vossa» quando isso implica «enquanto eu estiver confortável».

A hospitalidade é sacrificial, uma negação do eu no próprio território, convidando outra alma para um espaço partilhado para bênção e benefício mútuos: a partilha do espaço transforma-se partilha da relação, das lutas, da vida. É mais do que combinar um café num dia de semana: é uma aliança sagrada e um espaço de partilha abençoado, protegido e precioso.

Ser verdadeiramente conhecido e conhecer verdadeiramente abre espaço para se ser melhor, mais puro e mais excelente. A responsabilização sem a hospitalidade é apenas julgamento, uma relação utilitária sem amizade. Mas a amizade hospitaleira é um lugar seguro para um coração dominado pela mágoa e angústia, onde encontramos refúgio, cuidado e cura. É um lugar de pacotes de lenços, chá quente e bolachas.

A hospitalidade é mais do que caridade. Um chuveiro e um corte de cabelo a sem-abrigo ajudam por um dia, mas a hospitalidade acompanha-os. Não tem medo de cheiros estranhos nem dias incertos, é forte, calma e corajosa, e dá sem receber pagamento. É uma dança de generosidade em que alguém dá e alguém recebe, e quem recebe devolve o favor ao dar também.

É um paradoxo de altruísmo e vitalidade, energia e paz, trabalho e quietude, vazio e cheio. A hospitalidade é muitas coisas porque pode acontecer de muitas formas; é oferecida por milionários e pedintes, padres e prisioneiros, classe média, imigrantes... Todos são convidados a exercê-la — e mais ainda aqueles que seguem Cristo, que estende hospitalidade no Advento e no Natal.

No Advento, aguardamos a celebração da primeira vinda de Cristo a um povo e lugar numa dada altura — a Israel, hoje Síria e Palestina, durante o Império Romano, há cerca de 2000 anos. Jesus nasceu de uma mulher judia chamada Maria, noiva de um carpinteiro judeu chamado José. A geografia, a cultura, a religião e a etnia indicam-nos o contexto de Jesus. Ao compreendê-lo no seu contexto, podemos compreendê-lo no nosso. Para o fazer, voltamos a atrás no tempo e viajamos no espaço até chegarmos aos acontecimentos do Advento. São esses que celebramos.

Mas também olhamos em frente, porque o Advento aponta não só para o nascimento de Cristo mas para a segunda vinda, quando injustiças serão corrigidas e todas coisas as renovadas enquanto um mundo fatigado se alegra. Todos ansiamos pela sua restauração. Entretanto, esperamos, contamos os anos, estações, festividades, e nesta época, celebramos o Advento.

Esta jornada vai desafiar-nos. A hospitalidade centra-nos no outro — tal como o jejum, e já agora, tal como um banquete. Todas as semanas, seremos convidados a práticas espirituais que irão criar ritmos de simplicidade e ligação, disciplinas que confrontam o conforto e a apatia. Vamos deixar-nos talhar ao descobrirmos o que estas práticas nos ensinam.

Vamos desfrutar das luzes, da comida, da celebração, aprender com a escuridão, os jejuns e os silêncios, acolher companhia familiar ou recém-conhecida. Nesta época do Advento, somos convidados a praticar hospitalidade e a regozijarmo-nos no meio deste mundo fatigado.

É um prazer partilhar este espaço convosco.

Rev. Emily Hines